

## **“MUITAS ATITUDES MINHAS INCOMPREENSÍVEIS AOS OLHOS DESSES FARISEUS”: OS MÚLTIPLOS DISCURSOS PRODUZIDOS SOBRE ANAYDE BEIRIZ**

“MANY OF MY ATTITUDES ARE INCOMPREHENSIVE IN THE EYES OF THESE PHARISEES”: THE MULTIPLE DISCOURSES PRODUCED ABOUT ANAYDE BEIRIZ.

**Maria do Socorro Nobrega Queiroga<sup>1</sup>**  
Universidade Federal da Paraíba

**Alanna Maria Santos Borges<sup>2</sup>**  
Universidade Federal da Paraíba

### **RESUMO**

Tratamos as questões de gênero e as especificidades da história das mulheres no Brasil e na Paraíba, desde o início do Século XX, no que se refere às suas práticas de padronização do comportamento feminino. Tomamos como referencial a paraibana Anayde Beiriz, pelo que sua vida causou no cenário paraibano e na produção discursiva que a apresenta com múltiplas identidades. As fontes principais deste trabalho foram documentos do arquivo pessoal da família Beiriz, livros e revistas locais, além de material produzido a partir de entrevistas concedidas por uma pessoa da família de Anayde. Os discursos da época produziram algumas Anaydes, portanto, uma produção discursiva em versões diferenciadas, que fabricaram, pelo menos, três mulheres diferentes: a boa filha, a devassa e a heroína da resistência e a libertária, os quais se constituíram em verdades legitimadas pela sociedade paraibana na época. O que se vai inventar sobre Anayde em cada momento? Que outras versões foram deixadas de fora? Os saberes que veicularam verdades na sociedade da época direcionaram e governaram as tomadas de decisão em que as possibilidades de liberdade de escolha para algumas mulheres foram inviabilizadas.

**Palavras-chave:** Estudos de gênero. Feminino. Anayde Beiriz. Paraíba.

### **1 INTRODUÇÃO**

O título do artigo originou-se do texto de Lima Barreto (apud JOFFILY, 1980, s/r), apreciado por Anayde Beiriz, e cuja versão original completa é: “Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus por aí, vinham do angustioso

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia (UFPB/2005), Mestre em Educação (FGV/IESAE/1993) e Graduada em Psicologia (UFPE). Professora Associado I, da Universidade Federal da Paraíba, onde atua no curso de Pedagogia e demais Licenciaturas. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (Linha de Pesquisa: História da Educação) e do Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande (Linha de Pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas). Integra o Grupo de Pesquisa Narrativas e Sensibilidades em História da Educação/UFPB.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia, Bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFPB.

recalque dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava de dizer pela metade aquilo que eu poderia dizer totalmente." O que Anayde disse pela metade? O que queria ter dito totalmente? Quais são os impeditivos para se escrever e inscrever-se, para dizer de si? Importa-nos saber para fazer o que com as respostas? Nossa intenção aqui é de incitar novas perguntas, é escrever e inscrever no/o corpo imóvel e turbilhão Anayde, em meio a tantas verdades já ditas e inscritas.

Foi no caleidoscópio de fluxos desejanter, no interior das práticas sociais, como a sua participação em diversos acontecimentos culturais, a Revista *Festa* e sua conturbada participação na área educativa na Paraíba do início do Século XX, que Anayde se fez menina apaixonada-mulher-educadora-poetisa-feminista e transgressora da ordem estabelecida. A menina-mulher que se deixa dizer – ainda na adolescência, através de respostas ao telúrico Diário de Recordações, compartilhado com amigas - como mulher apaixonada pela vida, por seu amor, o então noivo médico. E muitas outras Anaydes, que nunca saberemos, segundo a postura epistemológica investigativa que assumimos neste artigo, sem pretensões de desvelar ou de resgatar (supostas) verdades guardadas, por compreendermos que elas são sempre produção de sentidos ditos em discursos.

No caso deste artigo, para, enfim, dizermos de Anayde muitas coisas, na luta que travamos no campo discursivo acadêmico pela produção de verdades, por um lugar privilegiado de poder-saber. É assim que esse artigo tratará de Anayde: fazer uma leitura da Anayde produzida pelo discurso familiar, a Anayde produzida pelo discurso dos espaços públicos e a Anayde que produziu a si mesma. É nesse sentido que é preciso dar visibilidade aos equipamentos de disciplinamento dos corpos e das mentes, desde a infância, e de refletir acerca das práticas de regulação, como a escola, sobre os sujeitos e suas práticas, como dispositivos privilegiados de produção de subjetividades.<sup>3</sup>

Buscamos, nas ferramentas conceituais de Michel Foucault, sobretudo em algumas de suas obras (1977; 2002) e nas de outros autores, como Stuart Hall (2001), os fundamentos para nossas interrogações e a produção deste ensaio, no sentido de pôr em

---

<sup>3</sup>Rose (2001 a, p. 143) define o processo de subjetivação como “[...] os efeitos da composição e da recomposição de força, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles [...]”.

relevo a ideia de que, desde a modernidade, um tipo particular de sujeito foi inventado: o sujeito autocentrado, objetivo, consciente.

Mas, é na pluralidade de Anaydes que este artigo se fará corpo, para dizer do corpo de Anayde, em três de suas vertentes possíveis, que percebemos no emaranhado de papéis (das fontes pesquisadas) e nos mais difíceis: os que ela teve que desempenhar na Paraíba, cujos preceitos morais em relação à mulher eram pensados e vividos segundo o fragmento abaixo:

[...] Começando pelos livros, sabemos que o pabulo escolhido da mocidade contemporânea é o romance, onde escriptores sem escrúpulo pintam, com as cores mais vivas, os crimes passionaes, as aventuras amorosas, envolvendo num stylo apurado e agradável ao ouvido o pus de seus espíritos perversos. As revistas, essas estão mais ao alcance das classes ledoras e por isso as multiplicam e espalham em cores e assumptos variados, pregando a pornographia deslavada, o nu e os mais baixos caprichos da antureza incontida. (...) Os cinemas ahi estão a exhibir fitas immoraes e salamaleques de actrizes indecorosas, e, ao emvez de apliacrem, a esses empresários as penas da lei, estampam nos jornais reclamos e encômios a essas desvirtuadas representações. (...) Os paes de familia, as auctoridades não vêem esse ardil satanico armado á inexperiencia das creanças e da mocidade incauta. (...) Nem a policia, nema hygiene procuram desinfectar esses covis, onde a corrupção fez morada. Alli está o esgoto de tudo quanto a sociedade bôaexpurgou de seu seio, e para alli é que os inimigos da virtude procuram attrahir a mocidade imprevidente. (Jornal A Imprensa)

Esses discursos se assemelham e se deixam cruzar com alguns momentos vividos por Anayde. Escrever sobre os múltiplos discursos de verdade, sobre a atribuição de sentidos à sua vida e sobre sua trajetória de vida é entendê-la como “uma mulher além do seu tempo”. Uma mulher que viveu na Paraíba, no início do Século XX, e que se destacou por sua escrita em contos e poemas, como também pela entrega e pelos enfrentamentos diante da vida, por paixões avassaladoras, provocando instabilidades, inseguranças quanto “[...] aos modos de ser masculino e feminino [...]” (OLIVEIRA, s/r, p. 4). Os entrecruzamentos desses discursos ganham vida neste artigo, sob a forma de múltiplas identidades, em que buscamos por em suspenso as diferentes produções discursivas da época.

A trajetória de vida de Anayde Beiriz deixou um rastro na história da Paraíba e foi contada em prosa e verso, em poemas, filmes e no teatro<sup>4</sup>, em homenagens e

<sup>4</sup> No filme, *Parahyba, Mulher Macho*, de Tizuka Yamasaki, e na peça *Anayde*, de Paulo Vieira, que

monumentos: no nome de uma escola, no nome dado a uma rua. Mas, principalmente, nas narrativas de si, pura representação dos momentos de resistência e de lutas vividas intensamente por ela. Enunciados e textos que produziram novos padrões estéticos de existência e de referência, em que não cabem “[...] as posições marginais que fogem à regra [...]” e que, no dizer de Foucault, constituem os anormais contemporâneos (FOUCAULT, 2002).

Outra referência que relacionamos às questões da mulher Anayde esteve fortemente presente na *I Conferência Nacional de Educação*, ocorrida em Curitiba, em 1927, e que se assemelha à citação anterior, que trata de questões de gênero, de título significativo, “Uma palavra de atualidade”, em que a autora defende a preservação de princípios morais, critica a escola leiga e o que ela chama de “cultura física” e o esporte, sobretudo para as meninas. Os fluxos identitários de Anayde e a multiplicidade que comporta a ideia de identidade (HALL, 2001) vão de encontro a esse tempo, em que, segundo a educadora,

[...] ginástica, dança e outros começam na idade escolar e continuam em voga, com a maior aceitação na sociedade; e os esportes vão exigindo cada vez mais menos roupa, para que não sejam tolhidos os movimentos, e a moral leiga não acha mal em que se banhem juntos todos os meninos, de todas as idades, nus, porque assim, sendo uma coisa natural e a curiosidade não ficando aguçada, a criança não vê malícia – moral leiga, moral de princípios pervertedores, sob a capa de muita ingenuidade. A criança começa não achando mal na nudez e acaba não achando mal em tudo quanto exige a sua natureza. A natureza é assim, a natureza não é imoral (...). Para os esportes femininos, por tal forma a mulher se habitua a vestir pouco que depois, na sociedade, já não tem o pudor do seu corpo. (...) Não sou contra o esporte – seria absurdo não desejar, entre os nossos patrícios, “a alma sã num corpo são” –, mas da moral depende muito a saúde do corpo, senão completamente o corpo se atirará aos mais tristes desatinos, entregue a uma alma doente; (...). Parece-me que o esporte moderno se por vezes cogita da saúde mais ainda visa à estética (voltamos ao paganismo) e prepara o corpo para todas as seduções... a dança... os bailados... a andar das moças... Estarei enganada? (MARTINS, 1997, apud COSTA, 1997, p. 155).

Não, não estavas enganada, porque por aqui fazia sol: Anayde começava uma trajetória de menina-adolescente-professora-poetisa-feminista. Ou nada disso. Era simplesmente Anayde, um nome marcado.

---

estreou no dia 13 de agosto de 1992 no Teatro Santa Rosa, em João Pessoa, PB.

## 2 SOU, NA CÂMARA ARDENTE DA EXISTÊNCIA, A LÂMPADA VELADA: ANAYDE POR ANAYDE

Talvez algum dia você ouça fallar em mim; seja qual for o caminho que eu seguir você fique certo de que é em busca do esquecimento: seja o do vício, seja o da morte... (Anayde Beiriz)

Como apresentar alguém? Essa é uma pergunta necessária quando se quer compreender o outro, principalmente quando não existe a possibilidade de ele apresentar-se. Somos aquilo que deixamos transparecer? O que permitimos que seja mostrado? Cada pessoa conhece o mais íntimo do seu ser, seus desejos, aflições, angústias e medos?

No cenário cultural da *Semana da Arte Moderna*, Anayde Beiriz esteve entre as primeiras mulheres do Brasil e da Paraíba que aderiram, em suas poesias, contos e crônicas, ao modernismo, com suas características antropofágicas – expressando um tema ligado ao cotidiano vivido pelas mulheres daquela época - o casamento:

Nasci  
Nasceu  
Cresceu  
Namorou  
Noivou  
Casou  
Noite nupcial  
As telhas viram tudo  
Se as moças fossem telhas não se casariam...<sup>5</sup>

A única certeza que pretendemos trazer neste artigo é a da impossibilidade de um objeto ser completamente conhecido; de Anayde Beiriz ser totalmente entendida, o que condiz com nossa pretensão, ao elegê-la personagem de um enredo dramático-poético-feminista-professoral. Como qualquer ser humano mergulhado em suas contradições e incertezas, buscamos compreendê-la na trama da vida, através dos vestígios encontrados em sua escrita, daquilo que ela mesma quis deixar saber e

---

<sup>5</sup>Trecho retirado do livro de José Joffily, *Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30*, publicado em 1980.

aparecer. Quem foi Anayde? Perguntou e pergunta em cada discurso que a constrói para, logo em seguida, desfazer-se, esvair-se e, lá na frente, tornar a construir outro... A “feminista” ou a “militante”? A “meretriz”, segundo certos discursos da sua época? Uma moça comum, quase garota, para a época e a idade?

Muitos corpos compõem Anayde, corpos sem órgãos, corpos desejantes. “[...] Sobre o corpo, encontram-se as marcas dos fatos passados, de onde nascem os desejos, as insuficiências, os erros e expressam-se as lutas. A genealogia como análise da proveniência é, então, a articulação do corpo e da história [...]” (CASTRO, p. 89). Negamo-nos a cair na armadilha de querer responder a quaisquer questionamentos. Apresentamos Anayde de outro modo, com a clareza de que criamos outro corpo, com outra roupa e outros gestos, outras angústias. É certo que será um novo discurso, com as nuances e a polissemia que caracterizam os conceitos, todos eles cambiantes, movediços, “de passagem”, a partir de diferentes fontes.<sup>6</sup>

Optamos por olhar Anayde, vê-la passar pelas ruas de João Pessoa, pelos salões e saraus, pensando sobre a vida poeticamente no romântico e no trágico que a compõem e, sobretudo, através dos diversos espelhos em que ela se viu: uma amante da poesia se escrevia nos versos, expressando os sentimentos, ao encontro dos extremos, da infinita e taciturna felicidade... a fatalidade, a morte, características de sua escrita, de sua expressão poética, pois ela escrevia pelas tintas do que se poderia facilmente nomear de contradição, como em resposta ao *Diário de Recordações*. Nele, ao responder sobre o que pensava do casamento, responde: *a escravidão do amor para um só destino: a prosaica descendência*; ou sobre o seu ideal (como qualquer moçoila da sua época): *casar-me com ele*. Em respostas diferenciadas das demais, destacamos: “O que te desanima? “A certeza de envelhecer. O amor é um evangelho, que entender já não pode o coração de um velho”. Nessa pergunta, a maioria das moças respondeu: nada. Outra pergunta: A quem dedicas o teu maior afeto? “A mim mesma”. A maior parte das moças respondeu “à minha mãe”). As semelhanças das respostas das amigas estão relacionadas ao amor: “Qual o teu melhor pensamento”? Ao que ela responde: “Um amor que se faz saudade”. Mas o trágico se instala em alguns dos seus escritos, e no *Diário*, não é

<sup>6</sup> Este item tomou como referencial parte das fontes pesquisadas: um diário – comum, até mais ou menos, a década de setenta do Século XX, entre meninas do interior da Paraíba – no qual constava mais de uma dezena de perguntas respondidas por várias amigas da autora que o organizou. A cada algarismo sempre corresponde a mesma pessoa. Anayde foi a primeira a respondê-lo. Nossa elaboração discursiva está voltada para narrar o pensamento da menina Anayde sobre vários aspectos da (sua) vida.

diferente: “O que maldizes da vida”? “A própria vida”. “O que mais te prende à vida”? “A incerteza do nada”.

Um tempo em que as mulheres, símbolos da nação, deveriam ser sadias, mental e fisicamente, aconselhadas e orientadas nos diversos espaços sociais, “[...] a serem pacatas, silenciosas e introspectas [...]” (BURITI, s/r, p. 1-2). As identidades de Anayde são forjadas em discursos e espaços de poder-saber múltiplos: a família, os amigos, os movimentos feministas e a imprensa, bifurcada em algumas vertentes morais e políticas.

Seria apenas mais uma mocinha inteligente, uma professora, mas ela se fez poetisa-feminista-menina-mulher e assim desfez os laços e as inocentes tranças do cabelo: quis uma trajetória *à la garçon*, mesmo quando parte da sociedade a queria como a mocinha que se tornou amante de João Dantas, homem bem mais velho do que ela, moça que não despertaria tanto interesse público se não fosse pelo envolvimento amoroso com esse homem, que seria considerado “algoz” do então Presidente da província, João Pessoa – o que, ironicamente, significa uma negação ou o apagamento da *Anayde por ela mesma*.

Nascida em João Pessoa, então Parahyba do Norte, em 18 de fevereiro de 1905, anos antes do significativo do Decreto (21.076 de 24 de fevereiro de 1932), que instituiu o voto feminino, o que quer dizer: Anayde foi educada sob a inspiração dos preceitos morais e dos discursos em prol da criação de um Estado nacional, em um Brasil que se movimentava sob a égide da modernização. No campo econômico, em sua juventude, viveu a efervescência transformacionista e contraditória do Estado Novo, cuja polissemia de sentidos atribuídos à mulher reforçava sua importância para as mudanças que aconteceram a partir de então na vida nacional, em discursos da época, em revistas e jornais pedagógicos, em teses apresentadas em eventos educacionais, no Brasil e na Paraíba, na promoção de manifestações patrióticas, cívicas e nacionalistas, reforçadas pelos meios de comunicação e pelos livros didáticos. “[...] um corpo marcado pelos discursos que circularam nos anos 20 (Século XX) paraibanos e que contribuíram para formar identidades em Anayde [...]” (BURITI, s/r, p. 1-2).

Ao se tornar educadora somente pouco mais de uma década, Anayde viveu um tempo de crença em mudanças sob os movimentos modernistas da *Belle Epoque* e a *Art Nouveau*, a Semana de Arte Moderna, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova e a onda neo-realista do Cinema Novo no Brasil. Algo novo respirava-se por aqui; pelas

frestas da vida em sociedade, entravam os ares da modernidade, através dos noticiosos do rádio, das exposições, do teatro, da literatura e da arte (QUEIROGA; SENA, 2011).

Era uma moça religiosa, católica, que lecionava na Vila dos Pescadores, em Cabedelo, e que sempre se destacou nos estudos, formou-se na Escola Normal, em 1922, aos 17 anos. Romântica, acreditava no amor absoluto, *mais forte que as leis da vida e da própria natureza* e tinha como referencial Olavo Bilac, de quem desejava um *beijo eterno*.

Apagar Anayde, em discursos legitimados socialmente, foi pôr em sua boca de poetisa dizeres não ditos, coisas que ela parecia querer superar, atravessar: a existência submissa a um homem, como as mulheres do seu tempo. O enlace amoroso com João Dantas, que assassinou o Presidente João Pessoa, parece ter levado junto com ele uma Anayde, múltiplas Anaydes, a morte, afinal, foi o acontecimento que culminou com a produção dos vários discursos rumorosos em torno de sua vida.

Quem irá dizer que ela foi isto ou aquilo? Se ninguém é um só, se todos somos o resultado da fabricação de invenção por múltiplos discursos produzidos, inclusive, por nós mesmos, quem sabe não fosse nada do que disseram sobre ela, seria, então, grandiosa ou tão somente Anayde Beiriz. Assim... como no fragmento abaixo:

[...] de todos os sentimentos que desabrocham, como as flores, em o extenso jardim da vida, entrelaçadas umas, odorosas outras, umas simples, ingenuas, modestas, outras ostentando beleza, vaidade, imponência...um, sem duvida, é a synthese de a toda nobreza do sentimento humano! (Jornal das Moças)<sup>7</sup>

### **3 UMA MULHER ALÉM DO SEU TEMPO: LIVRE, DONA DE SI, SENHORA DAS PRÓPRIAS VONTADES**

O leve prazer geral – que parece ter sido o tom em que vivo ou vivia – talvez viesse de que o mundo não era meu: eu podia usufruí-lo. Assim como também aos homens eu não os havia feito meus, e podia então admirá-los e sinceramente amá-los, como se ama sem egoísmos, como se ama uma idéia. (LISPECTOR, 1964, p.20)<sup>8</sup>

Todas as Anaydes existiram. Todos esses corpos tiveram um nome e uma identidade. É assim que Anayde tem sido traduzida pelos discursos da imprensa: uma

<sup>7</sup> Texto intitulado *A Gratidão*, extraído do Jornal das Moças, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1923, p. 9.

<sup>8</sup> Trecho retirado do livro de Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*



mulher que viveu de modo radicalmente diferente do comportamento esperado e desejado para as moçoilas do seu tempo, o que coincide com o que a poetisa modernista pensava ao narrar sobre si mesma: era livre, dona de si, senhora de suas próprias vontades? Anayde era filha de Maria Augusta de Azevedo e José da Costa Beiriz. Nasceu na antiga capital Parahyba do Norte<sup>9</sup>, em 18 de fevereiro de 1905, e morreu no dia 22 de outubro, durante o período político da Revolução de 30, depois do assassinato de João Dantas, na Casa de Detenção, na cidade de Recife. Perseguida, ingeriu uma grande quantidade de veneno. Foi sepultada no Cemitério Santo Amaro, em Recife.

Anayde foi uma mulher avançada para a época em que viveu, porquanto se distanciou completamente dos moldes tradicionais e institucionais de se pensar o papel da mulher. Era uma moça de família humilde, que se destacou pelo culto à leitura e à escrita e por ser uma intelectual aberta às inovações, que sofreu influências do Grupo Modernista de São Paulo, o qual se concentrava em torno da *Revista Festa*<sup>10</sup>, criada em 1920, em torno da ideia do modernismo como forma de evolução das artes.

A reestruturação cultural proposta pela *Semana da Arte Moderna* de 1922<sup>11</sup> atraiu Anayde, sobretudo, através dos poemas que escreveu. A bela poetisa e professora frequentava os saraus literários – uma forma de entretenimento daquela época – que eram apreciados pelo grupo social da culta cidade e promovidos na casa de um médico. Nesse espaço de arte, Anayde destacava-se como autora de contos e poemas futuristas, declamados nessas reuniões de intelectuais da época, o que causava grande impacto na sociedade, por sua forma e pelo conteúdo de denúncia ao condicionamento a que eram submetidas as mulheres da época, que viviam sob leis morais patriarcais.

Com apenas 17 anos, a jovem foi diplomada pela Escola Normal no ano de 1922. Era a primeira professora – e a poetisa – mais jovem de sua turma. A talentosa professora teve como única chance lecionar na Vila dos Pescadores, em Cabedelo, porque a sociedade conservadora da época não aceitava aquele novo jeito de ser mulher – segundo os discursos veiculados por algumas obras sobre ela e na imprensa. Por isso, não foi fácil para Anayde Beiriz viver em uma sociedade cujos padrões rejeitavam a

---

<sup>9</sup> De 1817 a 1930, a cidade de João Pessoa foi chamada de Parahyba do Norte.

<sup>10</sup> Revista modernista, que existiu nas décadas de 1920 e 1930. Idealizada por Tasso da Silveira, entre os anos de 1895 e 1968, foi fundada no Rio de Janeiro e apresentava alternativas para o entendimento sobre a modernidade.

<sup>11</sup> Ocorreu em São Paulo, no ano de 1922, nos dias 11 a 18 de fevereiro, no Teatro Municipal da cidade. Em cada dia da semana, foi trabalhado um aspecto cultural: pintura, escultura, poesia, literatura e música. Esse evento marcou o início do modernismo no Brasil e tornou-se referência cultural do Século XX.

ideia de que a mulher fosse independente e que discordava do que era culturalmente aceito para uma mulher jovem. A cartografia que deixa suas marcas na Parahyba do Norte tem seu desenho definido, sobretudo, pela política, pelas influências culturais, com os ares do Movimento Modernista, de um lado, e os discursos de moralização, de higienização do corpo social, do outro. Anayde viveu e morreu sob esses fluxos de desejo. Inscreveu

[...] em seu corpo marcas de transgressão, através de falas, de roupas extravagantes, de decotes arrojados, produzindo textos que mostram sua insatisfação quanto ao projeto de vida que a família tradicional-oligárquica reservou para a figura da mulher e que foi corroborada pelas escolas de formação de professor. (BURITI, s/r, p. 1-2).

Ao longo da história, temos visto surgirem grandes mulheres feministas que deixaram o seu legado de luta e resistência à moral machista e burguesa, seja na luta pelo voto feminino, seja no corte de cabelo ou por se recusarem a casar e a ter filhos, enfim, atitudes aparentemente simples, mas que repercutiram no tempo em que viveram.

Durante a década de 20, o Brasil passou por uma série de mudanças que, pouco a pouco, chegaram à Parahyba do Norte e a Anayde Beiriz, que se destacava como uma moça avançada, com atitudes e pensamentos para além do seu tempo, uma mulher que quebrava padrões impostos pela sociedade paraibana e, por isso, as mulheres feministas, através de seus discursos, tomaram-na como uma revolucionária, um ícone do feminismo não só na Parahyba, mas também no Brasil, pelos comportamentos que expunha e por defender abertamente a liberdade de pensamento, emancipação e autonomia feminina, como a descrevem membros da família Beiriz:

Era tão livre  
 Como um passarinho  
 Que fora do ninho  
 Põe-se a voar  
 Sem “pouso” certo  
 A seguir os ventos  
 Na imensidão do mar.  
 Bela morena sedenta de beijos  
 Fez-se mulher apaixonadamente  
 No coração tantos anseios  
 Janela aberta... para novos tempos  
 Anayde a tua saga  
 Não foi em vão  
 Pobre menina triste  
 Pecado é não saber amar

Alma sensível, espírito guerreiro  
 Das lutas nunca se apartou  
 Nas malhas do silêncio  
 Plantando sementes  
 Morrendo em cada instância  
 Por ser mais que uma só.

(Maria da Penha Beiriz Carneiro, *Tudo nela reviveu*)<sup>12</sup>

A história de Anayde Beiriz também foi relatada em filmes e em uma peça teatral e causou furor, revolta e alguns processos na Justiça. As duas obras produzem uma memória de Anayde de forma despudorada; a ela é atribuído um modo de viver escrachado, considerado pela família como de alto teor moral negativo. Produziram-se discursos em que a figura de Anayde era referida como uma devassa, “uma qualquer”, sem preceitos morais e amante do advogado João Dantas. Uma Anayde Beiriz safadinha. Quem ela pensa que é? É uma depravada, a rapariga de João Dantas.<sup>13</sup> O filme de Tisuka Yamasaki provocou grande polêmica por causa das cenas de nudez e dos gestos obscenos, o que causou grandes constrangimentos para a família Beiriz.

O filme é uma representação ou um retrato avançado do que se disse sobre o comportamento de Anayde. Mostra seu lado “sensual e devasso”. São cenas completamente desvinculadas do que se inventou como sua história, que contradizem os vários relatos escritos por seus amigos e familiares, que a descrevem como uma moça de família e querida por todos que a cercavam.

Falar de Anayde mulher/educadora/ nos possibilita compreender a construção de sua identidade e de sua vida, muito pouco sobre a sua prática docente – que, aliás, não é o foco deste artigo – em um tempo e espaço específico de relações de poder-saber, em um movimento entre o singular e o coletivo.

Os discursos produzidos por feministas sobre Anayde Beiriz, que a consideram como o ícone do feminismo no Brasil, ampliaram-se ainda mais, durante a década de 60 do Século XX, quando Anayde e sua história passaram a ser narradas pelos movimentos contraculturais paraibanos e, ainda hoje, ela continua sendo fonte de inspiração para as feministas, como “exemplo de coragem, força e ousadia”.

<sup>12</sup> Poema musicado de Maria da Penha Beiriz Carneiro, sobrinha de Anayde Beiriz. Arquivo particular de Ialmita Grissi Beiriz, sua tia.

<sup>13</sup> Trecho extraído das primeiras cenas do filme Parahyba, Mulher Macho, de Tizuka Yamasaki. Muitos dos seus amigos e familiares criticam severamente o filme, por denegrir a imagem de Anayde Beiriz, e isso ainda repercute nos dias atuais.

As práticas sociais, na perspectiva do disciplinamento e da regulação dos corpos, mostram onde estão ancoradas as nossas práticas. Para tanto, tentamos definir o lugar social de Anayde, segundo as narrativas que constam em documentos da época, através das memórias da sociedade nacional, mas, sobretudo, paraibana, tanto em uma memória artística do teatro e do cinema, como também em revistas e no registro oral de pessoas da sua família, que se transformaram para nós em armas de lutas, de produção de outras verdades discursivas sobre a mulher/poetisa/educadora em questão e que apresentamos aos leitores sob a forma de um ensaio, integrando os discursos sobre as questões de gênero na Paraíba do Século XX. Trazer a memória de Anayde Beiriz é contar uma parte da história da Paraíba, das mulheres, das questões das diferenças impostas a esse gênero, é reconstruir um tempo em diversos aspectos: cultural, político, social ou histórico.

Foi assim que optamos por escrever a nossa versão sobre a história de ser mulher de Anayde Beiriz.

## **ABSTRACT**

We deal with the questions of gender and the specificities of the history of women in Brazil and in Paraíba, from the beginning of the 20<sup>th</sup> Century, with regard to its practices of standardising female behaviour. We take as our reference the Paraiban, Anayde Beiriz, for the way in which her life impacted on the Paraiban scene and on the discursive production that presents her as having multiple identities. The principal sources for this study were documents from the personal archive of the Beiriz family, books and local magazines, in addition to material based on interviews given by a member of Anayde's family. The discourse of the time produces some Anaydes, hence a discursive production in differentiated versions, which fabricated at least three different women: the good daughter, the dissolute and the heroine of resistance and the libertarian, which constituted legitimate truths for Paraiban society at the time. What are we going to invent about Anayde in each moment? What other versions were omitted? The knowledge that conveys truths in the society of the time directed and governed the taking of decisions in which the possibilities of freedom of choice for some women were made impossible.

**Key words:** Studies of gender. Feminine. Anayde Beiriz. Paraíba.

## **REFERÊNCIAS**

- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- COSTA, Luyze. **Anayde Beiriz**: uma biografia em quadrinhos. João Pessoa: Gráfica JB, 2013.
- COSTA, Maria J. F. F. da A.; SHENA, Denílson R.; SCHMIDT, Maria A. Brasília (Orgs.). MEC. **I Conferência Nacional de Educação**. Curitiba, 1927. INEP, 1997.
- FOUCAUL, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- JOFFILY, José. **Anayde Beiriz**: paixão e morte na Revolução de 30. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Artes Gráficas (CBAG), 1980.
- MARTINS, Amélia de R. Uma palavra de atualidade. In: COSTA, Maria J. F. F. da A.; SHENA, Denílson R.; SCHMIDT, Maria A. Brasília (Orgs.). MEC. **I Conferência Nacional de Educação**. Curitiba, 1927. INEP, 1997, p. 155.
- OLIVEIRA, Iranilson B. de. **Anatomia feminina**: o corpo vivo de Anayde Beiriz (no prelo).
- QUEIROGA, Maria do S. N. SENA, Fabiana. Infância e disciplinamento: as lições de *dona Nenê* e a educação em Pombal. In: MACHADO, Charliton, J. dos S.; NUNES, Maria L. da S. (Org.). **Educação e educadoras na Paraíba do Século XX**: práticas, leituras e representações. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, p. 23-37.
- ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

### Filmografia:

*PARAÍBA, MULHER MACHO*. Direção de Tizuka Yamasaki. João Pessoa: Vídeo Cassete do Brasil. 1983. 1 filme (87min): son., color.; 16mm.

### Jornais:

*Jornal das moças*. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1923.

*Jornal A Imprensa*. Grave perigo 18/03/1915, p. 1 ano XII – nº 57 - Parahyba do Norte.

### Teatro:

*ANAYDE*. Paulo Vieira, 1992.